

O 'jeitinho brasileiro' a partir de uma perspectiva cognitivo-interacional

The 'Brazilian jeitinho' from a cognitive-interactional perspective
El 'Jeitinho brasileño' desde una perspectiva cognitiva-interaccional

Ulrike Agathe Schröder

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil)

Ruan de Castro Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil)

RESUMO

Segundo a Linguística Cultural, as experiências e interpretações de mundo de diferentes comunidades de fala são concebidas de forma dinâmica quanto às conceptualizações culturais. O 'jeitinho brasileiro' revela-se uma estratégia criativa para uma emergência, oscilando entre o favor e a corrupção. Neste artigo realizamos uma microanálise de uma conversa eliciada entre quatro professores da UFMG (dois brasileiros e dois de origem alemã), com o objetivo de analisar de forma multimodal como a expressão 'jeitinho brasileiro' é coconstruída por meio de metáforas conceptuais no nível linguístico e como gestos metafóricos, bem como pistas prosódicas, estão intrinsecamente presentes neste processo interacional. Encontramos sete metáforas culturais que revelaram que os participantes da interação coconstróem o conceito em questão (a) de forma multimodal, (b) preferencialmente a partir de esquemas imagéticos básicos e por meio das metáforas conceptuais. Além disso, elucidamos que a incorporação, especialmente de metáforas

* Sobre os autores ver página 134.



prosódicas e gestuais, destacou-se sobretudo nos participantes brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cultural; Conceptualizações culturais; Metáforas culturais; 'Jeitinho brasileiro'; Metáfora gestual.

ABSTRACT

According to cultural linguistics, world experiences and interpretations of different speech communities should be conceived dynamically regarding cultural conceptualizations. 'Brazilian jeitinho' is generally seen as a creative strategy applied in emergent situations and oscillates between favor and corruption. The article aims to realize a microanalysis of an elicited conversation between four professors at the UFMG (two of them are Brazilian and two originally German). The objective is to reveal how the concept 'Brazilian jeitinho' is co-constructed multimodally through conceptual metaphor on the linguistic level and how metaphoric gestures, as well as prosodic cues are present in this interactional process. We found seven cultural metaphors which revealed that the interlocutors co-constructed the concept in question (a) in a multimodal way, (b) primarily through basic image schemas and by means of conceptual metaphors. Additionally, the incorporation of prosodic and gestural metaphors was more highlighted in the case of the two Brazilian participants.

KEYWORDS: Cultural linguistics; Cultural conceptualizations; Cultural metaphors; 'Brazilian jeitinho'; Gestural metaphor.

RESUMEN

Según la lingüística cultural, las experiencias e interpretaciones mundiales de diferentes comunidades de habla deben concebirse dinámicamente con respecto a las conceptualizaciones culturales. El "jeitinho brasileiro" se ve generalmente como una estrategia creativa aplicada en situaciones emergentes y oscila entre el favor y la corrupción. El artículo tiene como objetivo realizar un microanálisis de una conversación provocada entre cuatro profesores de la UFMG (dos de ellos son brasileños y dos originalmente alemanes). El objetivo es revelar cómo el concepto "jeitinho brasileiro" se co-construye multimodalmente a través de una metáfora conceptual al nivel lingüístico y cómo los gestos metafóricos, así como las señales prosódicas, están presentes en este proceso de interacción. Encontramos siete metáforas culturales que revelaron que los interlocutores co-construyeron el concepto en cuestión (a) de una manera multimodal, (b) principalmente a través de esquemas de imagen básicos y por medio de metáforas conceptuales. Además, la incorporación de metáforas prosódicas y gestuales fue más destacada en el caso de los dos participantes brasileños.

PALABRAS-CHAVE: Lingüística cultural; conceptualizaciones culturales; Metáforas culturales; 'Jeitinho brasileiro'; Metáfora gestual.

1 Considerações iniciais

De acordo com a proposta da Linguística Cultural (SHARIFIAN, 2011), as experiências e interpretações de mundo de diferentes grupos culturais são concebidas de forma dinâmica em termos de conceptualizações culturais. Nessa visão, a cognição cultural abrange o conhecimento cultural como resultado da interação entre membros de um grupo de fala. O 'jeitinho brasileiro', modelo cultural já descrito em estudos antropológicos, sociológicos

e psicológicos, revela-se uma estratégia criativa para uma emergência, oscilando entre o favor e a corrupção (BARBOSA, 2006; DAMATTA, 1986).

Objetivamos, neste trabalho, a partir de uma conversa gravada entre quatro professores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (dois brasileiros e dois de origem alemã), analisar de forma multimodal como a expressão 'jeitinho brasileiro' é coconstruída por meio de metáforas conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]) e como gestos metafóricos, bem como pistas prosódicas, estão intrinsecamente presentes neste processo interacional (CIENKI; MÜLLER, 2008). Desta forma, reafirmamos que os processos cognitivos para ativação da metafóricidade de expressões linguísticas, bem como para a produção de gestos, ajudam a construir e alicerçar as conceptualizações culturais durante a interação entre os falantes (SHARIFIAN, 2011).

Ressaltamos, pois, que este trabalho integra o projeto “*Conceitos (inter)culturais-chave na interface entre interação, cognição e variação*”, realizado em cooperação entre a Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil e a Universidade de Potsdam, Alemanha, apoiado pelo *Research Group Linkage Programme* da Fundação Alexander von Humboldt. A metodologia segue o procedimento do Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação – NUCOI.¹ A gravação e a transcrição fazem parte do *corpus* do referido grupo. A transcrição do vídeo foi feita no programa EXMARALDA (SCHMIDT; WÖRNER, 2009), seguindo as convenções do GAT 2 (SELTING; et al., 2016)².

¹ Desde 01/2020, o nome desse grupo mudou para ICMI – *International Research Center of Intercultural Communication in Multimodal Interactions* pois passou por um processo de internacionalização.

² **Convenções de transcrição GAT 2** (Versão resumida, adaptada de Selting et al. (2016)):

[]	sobreposição e fala simultânea
[]	
h/h°; hh/hh°	ins./expiração em dependência da duração
(.)	micro pausa estimada em até 0,2 seg. de duração aprox.
(-)	pausa curta estimada em aprox. 0,2 – 0,5 seg. de duração
(--)	pausa intermediária estimada em aprox. 0,5 – 0,8 seg. de duração
(---)	pausa longa estimada em aprox. 0,8 – 1,0 seg. de duração
(0.5) / (2.0)	pausa mensurada em aprox. 0,5/2,0 seg. de duração (até o décimo de segundo)
e..sh	cliticizações dentro de unidades
((ri))	descrição de atividades não verbais
<<riind>	descrição de atividades acompanhando a fala com indicação de escopo
(xxx. xxx)	duas sílabas incompreensíveis
(posso)	termo presumido
=	continuação rápida e imediata com um novo turno ou segmento (<i>latching</i>)
:	alongamento, de aprox. 0,2-0,5 seg.
::	alongamento, de aprox. 0,5-0,8 seg.
:::	alongamento, de aprox. 0,8-1,0 seg.
?	ruptura (<i>cut-off</i>) por fechamento glotal
Sílaba	acento focal
sílaba	acento secundário
!Sílaba	acento focal extra forte
?	movimento <i>antonacional</i> final alto ascendente
,	movimento <i>antonacional</i> final ascendente
-	movimento <i>antonacional</i> final nivelado
;	movimento <i>antonacional</i> final descendente
.	movimento <i>antonacional</i> final baixo descendente
↑	pulo <i>antonacional</i> para cima
↓	pulo <i>antonacional</i> para baixo
<< >	frequência mais baixa
<<h>	frequência mais alta
an.TAQ	movimento <i>antonacional</i> descendente
an.TAQ	movimento <i>antonacional</i> ascendente
an.TAQ	movimento <i>antonacional</i> nivelado
an.TAQ	movimento <i>antonacional</i> ascendente-descendente
an.TAQ	movimento <i>antonacional</i> descendente-ascendente
<<f>	fazio, alto
<<all>	allegro, rápido
<<lan>	lento, devagar
<<crasc>	crecendo, aumentando o volume
<<dim>	diminuindo, diminuindo o volume
<<acc>	acelerando, aumentando a velocidade
<<ral>	rallentando, diminuindo a velocidade

2 O 'Jeitinho' do Brasil: abordagens e conceituações

Qual a nossa relação e a nossa atitude para com e diante de uma lei universal que teoricamente deve valer para todos? Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral? (DAMATTA, 1986, p. 63).

É por meio dos estudos do antropólogo Roberto DaMatta (1986) que fundamentamos a análise das diferentes abordagens e visões de uma discussão que surgiu no século XX (BARBOSA, 2006)³: o que é o 'jeitinho brasileiro'? As questões levantadas acima pelo antropólogo brasileiro trazem reflexões que incomodam, pois tocam em construções culturais basilares e formadoras de uma identidade nacional, ou melhor, do que é ser brasileiro. A 'casa', de acordo com o antropólogo DaMatta, nos prepara para estarmos sempre prontos a ganhar, tirar proveito ou, no mínimo, nos satisfazer. Destas reflexões nascem outras: seria mesmo o 'jeitinho' algo da 'essência' brasileira? Há mais criatividade e flexibilidade ou malandragem e corrupção no 'jeitinho'? A ética é prejudicada pelo 'jeitinho'? Enfim, o que faz o brasileiro estar disposto a dar um 'jeitinho'?

O fato de o brasileiro aceitar a atribuição do 'jeitinho' como algo trivial, criando inclusive personagens ícones de uma malandragem (como o papagaio Zé Carioca, o sabichão Pedro Malasartes e o hilário Didi Mocó), que, segundo DaMatta, é aquilo que “soma a lei com a pessoa na sua vontade escusa de ganhar, embora a regra fria e dura como o mármore da Justiça não a tenha tomado em consideração” (DAMATTA, 1986, p. 8), nos leva a questionar se o 'jeitinho', sendo uma forma de satisfação possibilitada pelo diálogo, é reflexo de uma ética mal dialogada/construída ou um invento eficaz do agir/viver brasileiro.

Roberto DaMatta (1986) define o brasileiro como aquele que sabe “que não existe jamais um 'não' diante das situações formais e que todas admitem um 'jeitinho' pela relação pessoal e pela amizade” (DAMATTA, 1986, p. 12) e, a partir disso, apresenta um 'jeitinho' que estaria num certo meio. Sendo assim, o sistema social estaria dividido

[...] e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao polo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o 'jeitinho' (DAMATTA, 1986, p. 64).

Indivíduo e pessoa comporiam uma sociedade em que um lado negativo conduz o sistema tradicional e um positivo as leis universais. Temos,

³ De acordo com Barbosa (2006, p. 14), um dos primeiros estudos publicados é de Alberto Guerreiro Ramos, apresentado no livro *Administração e estratégia de desenvolvimento*, lançado em 1966.

portanto, 'indivíduo' como criativo e 'pessoa' como corrupta e, no entre-lugar, o famigerado 'jeitinho'. Concluindo sua abordagem, DaMatta diz:

Assim, entre o 'pode' e o 'não pode', escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, a junção do 'pode' com o 'não pode'. Pois bem, é essa junção que produz todos os tipos de 'jeitinhos' e arranjos que fazem com que possamos operar um sistema legal que quase sempre nada tem a ver com a realidade social (DAMATTA, 1986, p. 66).

Por meio dessa conclusão, DaMatta traz o positivo 'pode' e o negativo 'não pode', as extremidades de um *continuum* que compõem o 'jeitinho', que é formado por ambos ou estritamente está no centro. Em perspectiva mais ampla, o 'jeitinho' brasileiro foi discutido antes dos estudos de DaMatta (1986). Em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1995 [1936]). Já no prefácio, o sociólogo e literato Antônio Cândido (1995 [1936], p. 17) corrobora: "As 'relações de simpatia' reinam, ou seja, as relações impessoais, características do Estado, são suscetíveis de serem levadas para o padrão pessoal e afetivo". O literato ressalta o caráter afetivo dessas 'relações de simpatia' popularmente denominadas 'jeitinho', o que nos faz pensar no quão importante é um laço, mesmo que mínimo, para que haja a possibilidade do jeito. Ainda neste icônico livro, além do prefácio de Antônio Cândido já citado, Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, dedica um capítulo falando das 'relações de simpatia' que o literato apresentou, mas a partir do conceito do 'homem cordial'. Para isso, Holanda ressalta, primeiramente, a 'descontinuidade e até uma oposição' entre os círculos familiares e o Estado, ou seja, entre pessoas e seu íntimo, ao contrário da sociedade com suas regras ao dizer que "em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar profundamente a estrutura da sociedade" (HOLANDA, 1995, p. 141-142). O historiador brasileiro define 'cordialidade' assim: "Lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro" (HOLANDA, 1995, p. 146). Não obstante, por meio do conceito da cordialidade, Buarque de Holanda não busca ressaltar a generosidade, simpatia ou inocência dos brasileiros. O autor concebe o conceito como uma "tentativa constante de personalizar todas as interações interpessoais: em primeiro plano devem estar os sentimentos, não o anonimato da ordem legalizada que promete tratar a todos como iguais" (COSTA, 2014, p. 834).

Diferentemente das abordagens apresentadas em *Raízes do Brasil* e assumindo um caráter mais detalhista e analítico, o filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro Mário Sérgio Cortella⁴, em uma entrevista ao programa *Como Será* da Rede Globo, e o historiador e professor universitário brasileiro Leandro Karnal,⁵ em palestra intitulada *Provocações sobre ética* ministrada na Central de Recursos Humanos em São Paulo, ao falarem sobre o 'jeitinho', referem-se a conceitos como 'flexibilidade', 'drible', 'escape',

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9r996PBbbpI>. Acesso em out. 2017.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5kpcqdwYzpfA>. Acesso em out. 2017.

‘confiança’ e ‘desonestidade’. Observa-se que todos esses termos, de alguma forma, estão associados ao esquema brasileiro de ‘dar um jeito’ e, sobretudo, que esse jeito é algo comum, benéfico e eficaz.

Em um estudo mais recente, a partir de uma abordagem da psicologia social, Ferreira et al. (2011) alegam que jeitinho não seja “um construto monolítico, mas é uma complexa estratégia sociocultural que possui componentes funcionais distintos nos níveis pessoal e normativo”⁶ (FERREIRA *et al.*, 2011, p. 331, tradução nossa). Desta forma, os autores apresentam o ‘jeitinho’ formado por uma estrutura potencialmente tridimensional, em que corrupção, criatividade e quebra de normas sociais encontram-se em uma escala e, juntos, resultariam no jeito brasileiro. Além disso, para alicerçar seus argumentos, os autores recorrem à abordagem de Zimmerman (2009), segundo o qual duas expressões traduziriam ‘o jeitinho’ para inglês: *knack* (habilidade/criatividade) e *clever dodge* (malandragem).

Em seu estudo antropológico-social, com base em entrevistas e questionários com 200 pessoas em diferentes cidades do Brasil, Barbosa (2006) recorre a DaMatta e localiza jeitinho em uma escala entre favor e corrupção. De acordo com a autora (BARBOSA, 2006, p. 42-48), o que caracteriza a passagem de uma categoria para outra depende, em primeiro lugar, do contexto em que a situação ocorre e do tipo de relação existente entre as pessoas envolvidas e, por excelência, é a burocracia, o domínio em que ‘o jeito’ ocorre. Para isso, é preciso ser simpático, cordial, mostrar necessidade ou até mesmo humildade, mas jamais arrogância ou autoritarismo. Tudo pode ser posto a perder se a maneira de falar se mostra impositiva ou grosseira:

Compartilhar os problemas pessoais da vida de cada um é prática disseminada em todos os segmentos sociais, a qual transforma em co-participante, ou assim se espera, quem deles sabe. Ao tomar conhecimento dos problemas ou eventualidades que afligem terceiros, as pessoas envolvidas se sentem ‘constrangidas’ em não levá-los em consideração (BARBOSA, 2006, p. 53-54).

O ‘jeitinho brasileiro’, portanto, diante dos diferentes e complementares estudos apresentados, assim como qualquer outro conceito ou construto cultural, apresenta-se em contínua construção. Partimos de abordagens mais simples com sua afetividade e relação pessoal até estudos empíricos com subdivisões e conceptualizações mais complexas do jeito brasileiro. Elucidamos, assim, o imagético *continuum* do ‘jeitinho’, no qual cabe a cada brasileiro incorporá-lo e, conseqüentemente, pendê-lo para a direção que lhe é mais conveniente: positiva/criativa/cordial ou negativa/malandra/corrupta.

Por meio das abordagens e conceptualizações sobre o ‘jeitinho’ até aqui apresentadas, faremos, a seguir, uma breve revisão das teorias e métodos com os quais analisaremos, posteriormente, as metáforas utilizadas em uma interação entre quatro professores da Faculdade de Letras da Universidade

⁶ “Jeitinho is not a monolithic construct, but it is a complex sociocultural strategy that has distinct functional components at the personal and normative levels” (FERREIRA *et al.*, 2011, p. 331).

Federal de Minas Gerais a respeito do 'jeitinho brasileiro' e, principalmente, duas metáforas que corroboram com o *continuum* colocado em questão.

3 O referencial teórico: Linguística Cultural

O referencial teórico escolhido para análise parte de pressupostos de uma área de pesquisa recente que nasceu como síntese da Linguística Cognitiva com a Linguística Antropológica, a Etnosemântica e a Etnografia da Comunicação (PALMER, 1996): a Linguística Cultural. Palmer refere-se ao fundador da Semântica de *Frames*, Fillmore (1975, p. 114 *apud* PALMER, 1996, p. 5; tradução nossa) que consta “quando você apanha uma palavra você arrasta um cenário integral”⁷ para apontar esta interface. Como a Linguística Cognitiva, Palmer parte do pressuposto de que o discurso esteja entrelaçado profundamente com imagens convencionais (*imagery*), mas destaca o papel indispensável da cultura que apresenta conhecimento acumulado de uma comunidade, incluindo o estoque de modelos cognitivos, esquemas, cenários e outras formas de imagens convencionais. Em abordagens mais recentes, Sharifian (2011) propõe um arcabouço teórico básico para a Linguística Cultural, no qual a ‘cognição cultural’ é estruturada não mais por ‘imagens’ (*imagery*), mas por ‘conceptualizações culturais’ (*cultural conceptualizations*) que representam as experiências e interpretações de mundo de diferentes grupos culturais e são transmitidas por meio da linguagem.

As línguas são uma testemunha das maneiras pelas quais seus falantes conceituaram a experiência ao longo da história de sua existência. A experiência conceituada, apesar de ser o resultado de faculdades universais, está longe de ser homogênea em todos os seres humanos. Pessoas de diferentes culturas parecem empregar faculdades cognitivas similares, mas em grande parte conceituam sua experiência de maneiras culturalmente específicas⁸ (SHARIFIAN, 2011, p. 47, tradução nossa).

Sharifian (2011) defende uma visão emergente da cognição que é concebida como cognição coletiva de um grupo e distribuída de modo heterogêneo; as visões diferentes refletem-se nas conceptualizações culturais e exprimem-se na expressão linguística:

- a) Esquemas culturais: Sharifian aponta esquemas como, por exemplo ‘privacidade’ que apresenta um conceito carregado por aspectos histórico-culturais abrangentes e muito específicos interligados ao individualismo e protestantismo na cultura norte-americana. Aqui, também se encaixa um estudo comparativo que

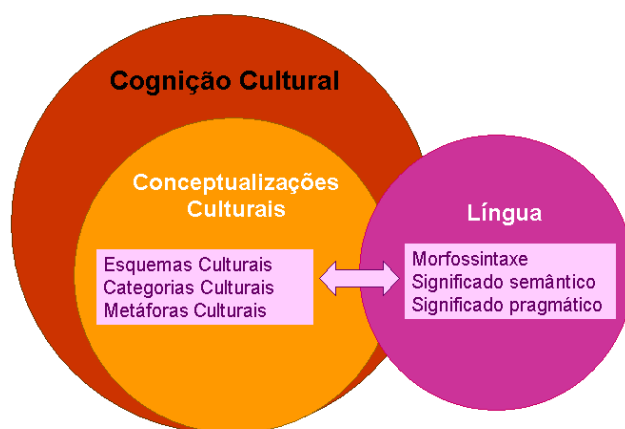
⁷ “when you pick up a word, you drag along with it a whole scene” (FILLMORE, 1975, p. 114 *apud* PALMER, 1996, p. 5).

⁸ “Languages are a witness to the ways in which their speakers have conceptualized experience throughout the history of their existence. Conceptualised experience, despite being the result of universal faculties, is of course far from being homogenous in all human beings. People across different cultures appear to employ similar cognitive faculties but to a large degree conceptualise their experience in culturally specific ways” (SHARIFIAN, 2011, p. 47).

- Sharifian (2011) realizou sobre o termo *home* em *Aboriginal English* em oposição ao inglês australiano e que revelou que no inglês aborígene o termo é associado mais às pessoas, ao passo que no inglês australiano é relacionado mais a um local, uma casa ou um apartamento onde a pessoa mora. Como veremos, ‘jeitinho’ apresenta um esquema cultural que analisaremos a partir de uma desconstrução multimodal;
- b) **Categorização cultural (cultural categorization):** Trata-se do modo como uma comunidade de fala costuma categorizar o mundo linguisticamente. Em primeiro lugar, esta categorização dá-se a partir de classificadores de substantivos como sufixos para marcar, por exemplo, gerações por meio de mudanças de raízes verbais que indicam a dimensão física do objeto; em Apache, por exemplo, o verbo muda em dependência da forma do objeto que deve ser transferido e as categorias indicadas são: ‘animado/não animado’, ‘contêiner’, ‘estado (sólido, plástico, líquido)’, ‘número’, ‘longitude’ e ‘portabilidade’ (PALMER, 1996).
- c) **Metáforas culturais:** Nossa compreensão do mundo, dos outros e de nós mesmos, é mediada por metáforas conceituais que mapeiam estruturas e esquemas imagéticos de um domínio fonte para um domínio alvo e se baseiam em experiências corporais. Sendo assim, conceptualizamos nosso pensar, nossas emoções e nossas características pessoais em termos corporais. Além disso, essas conceptualizações metafóricas também são submetidas às influências culturais. Na Indonésia, por exemplo, o fígado (*hati*), e não o coração, é a sede do amor (SHARIFIAN, 2015, p. 482).

Sharifian (2015, p. 478) apresenta um modelo para a cognição cultural que pode ser visualizado na figura 1:

Figura 1. Referencial teórico e analítico da Linguística Cultural



Fonte: Sharifian (2017, p. 6).

O último aspecto, as metáforas culturais, é o mais importante para nosso objetivo, uma vez que são metáforas que constituem o esquema cultural do 'jeitinho'. No tópico, a seguir, apresentaremos as ferramentas teórico-metodológicas.

3.1 Da metáfora conceptual à metáfora cultural

A Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2003 [1980]) apresenta um processo no qual as representações metafóricas partem, geralmente, de experiências físicas e concretas (domínio fonte) e são mapeadas a um domínio alvo abstrato.

Em expressões como *frases vazias*, *palavras abertas* ou *papo furado*, a FALA é fixada pela imagem de um CONTÊINER; em expressões como *batalha das eleições*, *guerra de partidos* ou *embate da oposição*, POLÍTICA é fixada pela imagem da GUERRA. Uma vez que os autores defendem um 'realismo corporificado' (*embodied realism*), o foco da teoria está na metáfora conceptual, que forma a base para modelos cognitivos idealizados, gerando nossas estruturas de organização do conhecimento. Nessa perspectiva, a linguagem metafórica é vista apenas como a manifestação superficial de uma metáfora mais entrenchada, ou seja, em nível cognitivo. Assim que tais correspondências forem ativadas, o mapeamento projeta os padrões de inferência do domínio fonte ao domínio alvo. A base para as metáforas é formada por 'esquemas imagéticos' que são concebidos como representações corporificadas de estruturas envolvidas em interações recorrentes em nosso meio, conferindo coerência às nossas experiências singulares, percepções sensoriais e decorrências motoras. Tais esquemas são, por exemplo, DENTRO-FORA, EM FRENTE-ATRÁS, ACIMA-ABAIXO, CONTATO, MOVIMENTO, FORÇA ou CONTÊINER.

A partir dos estudos de Grady (1997), no seu livro *Philosophy in the Flesh* (1999), Lakoff e Johnson adotam outra terminologia e diferenciam metáforas primárias (*primary metaphors*) e complexas (*complex metaphors*), o que, concomitantemente, traz consequências para os estudos da universalidade das metáforas e sua variedade cultural. De fato, metáforas primárias têm semelhança com esquemas imagéticos, uma vez que Grady as descreve como representando "mais *padrões* genéricos do que *instantâneos*, concretos e vivo" (GRADY, 2005, p. 1609; tradução nossa).⁹ Kövecses (2005, p. 68-69) ilustra essa interrelação entre universalidade e variedade cultural analisando a metáfora conceptual A PESSOA RAIVOSA É UM CONTÊINER COM PRESSÃO. A autora afirma que há evidências da existência dessa metáfora em várias outras línguas, além das línguas indo-europeias, – em chinês, japonês, húngaro, wolof, zulu e polonês – o que dá a impressão de que essa metáfora poderia ser um conceito universal, embora a explicação seja em um nível genérico, pois não explicita que tipo de contêiner é usado, como a pressão aumenta, se o contêiner é quente ou não, que tipo de substância está no contêiner, que consequências a explosão teria, etc.

⁹ "generic patterns, rather than concrete, vivid instantiations" (GRADY, 2005, p. 1609).

Desse modo, a metáfora primária A PESSOA ZANGADA É UM CONTÊINER COM PRESSÃO torna-se, em japonês, RAIVA ESTÁ NA *HARA* (ESTÔMAGO). Em chinês, ela especifica-se pela substância do contêiner, que é imaginada como *qui*, isto é, energia que voa pelo corpo. Com isto, a substância não é um líquido como em inglês, mas sim, um gás, um conceito que é entrincheirado na história, filosofia e medicina chinesas. Em zulu, encontram-se as metáforas RAIVA/DESEJO É FOME, RAIVA É NO CORAÇÃO e RAIVA É UMA FORÇA NATURAL. Esta conceptualização exerce uma grande influência no modelo cultural que as pessoas da cultura zulu têm do conceito *raiva*. Ao invés de canalizar sua raiva em direção a um alvo específico – em geral, a pessoa que causou a raiva – elas respondem menos direcionadas e comportam-se de forma agressiva perante qualquer pessoa. Ademais, o envolvimento do coração na metáfora RAIVA É NO CORAÇÃO demonstra que essa metáfora em zulu recorre a um local menos comum para se conceituar raiva em línguas ocidentais. Quando a metáfora do CORAÇÃO é usada em inglês, ela é associada com amor. Em zulu, ela é aplicada para denominar o local de vários estados, por exemplo, paciência e impaciência, tolerância e intolerância, etc.

3.2 Da metáfora conceptual à metáfora gestual

Durante os últimos vinte anos, surgiram, cada vez mais, abordagens cognitivas que buscam localizar a metáfora conceptual no seu uso multimodal, encaixando-a em um contexto específico cultural e social, e vendo-a na sua atuação no processo da interação e co-construção de significado entre os interlocutores (SCHRÖDER, 2012). Uma descoberta relevante foi como metáforas cuja metaforicidade não é mais transparente no nível verbal atuam no nível não verbal e são reativadas, ou seja, ‘acordadas’ (CIENKI, 2008; MÜLLER, 2008). Por meio de filmagens de situações de interação inteiras, essas pesquisas dirigem sua atenção para a realização de gestos metafóricos na comunicação social ao invés de descrever a metáfora como fenômeno meramente pontual, ou melhor, comprimido em uma única expressão. No decorrer da situação real de comunicação, gestos tendem a destacar certos elementos e aspectos de uma enunciação verbal, contextualizando-os, contribuindo para a organização figura-fundo, assumindo, com isso, a função da condução da informação na comunicação face a face por dirigir a atenção dos seus participantes (MÜLLER; LADEWIG; BRESSEM, 2013). Gestos de uma mão aberta, por exemplo, podem marcar certos argumentos como óbvios ou o gesto de uma mão empurrando um suposto objeto para o lado poderá ter uma força ilocucionária que não se encontra no nível verbal (MÜLLER, 2008, p. 224).

Cienki e Müller (2008) distinguem entre metáforas monomodais, que ocorrem apenas em um modo, e multimodais, que ocorrem em nível verbal e não verbal ao mesmo tempo:

Portanto, vemos que o gesto pode ser uma fonte de dados sobre metáforas (conceituais) que são empregadas por membros de uma cultura e que podem se relacionar com o pensamento visoespacial,

mas que podem não aparecer em modos de expressão verbal / linguística¹⁰ (CIENKI; MÜLLER, 2008, p.492, tradução nossa).

Podemos observar, assim, que as metáforas em nível gestual nasceriam por meio das experiências visuais e espaciais do pensamento humano, sendo a cultura um alicerce primordial. Indo mais além, Cienki e Müller (2008, p. 492-493) afirmam o caráter “não (somente) ilustrativo” das metáforas gestuais e/ou verbo-gestuais, além de tratarem do caráter independente e flexível dos gestos, quando metafóricos. Com base em Bühler (1982 [1934]), Müller (2013) ressalta que metáforas gestuais assumem funções representativa, apelativa e expressiva. Gestos e metáforas, especificamente, gestos e metáforas conceptuais, então, representariam um reflexo físico-cognitivo humano para a expressão de conceitos culturais intrínsecos de um determinado povo. Língua e corpo, juntos, possibilitariam maior comunicação e, conseqüentemente, melhor e eficaz entendimento.

De modo ainda muito tímido, estão surgindo estudos no campo da prosódia relacionando-a a metáforas e esquemas. Perlman e Gibbs (2013, p. 524) transferem o modelo da metáfora dinamizada no qual a metáfora é vista como “mais ou menos congelada ou descongelada, mais ou menos acordada ou dormindo”¹¹ (CIENKI, 2008, p. 10; tradução nossa) à relação icônica do pólo semântico e fonológico: “Enquanto ativadas, essas relações icônicas tornam-se acentuadas e viram forma como gesto vocal”¹² (PERLMAN; GIBBS, 2013, p. 524; tradução nossa). Isso se vê, por exemplo, no prolongamento de uma palavra como *sloowly*. Cienki mostra, a partir de experimentos, o grau pelo qual indivíduos interpretam características prosódicas em termos metafóricos, por exemplo, uma frase com entonação descendente ou ascendente como correspondente a um CÍRCULO ou um contínuo ascendente que é concebido como CAMINHO (CIENKI, 2008).

4 Análise da interação

Antes das análises efetivas, reafirmamos que a interação analisada faz parte do *corpus* NUCOI¹³ - Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter)Cultural em Interação – da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, a qual, por meio do programa EXMARALDA (<exmaralda.org/en/>), foi transcrita seguindo as convenções de transcrição GAT 2 (SELTING *et al.*, 2016).

Provocados para responder quatro perguntas relacionadas ao 'jeitinho brasileiro', dispostas em cartões, quatro professores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, dois brasileiros e dois de origem alemã, com período mínimo de 20 anos no Brasil, conversaram, durante uma média de 50 minutos, em uma sala. As quatro perguntas motivadoras foram as seguintes:

¹⁰ “Therefore, we see that gesture can be a source of data on (conceptual) metaphors which are employed by members of a culture and which may relate to visuospatial thinking, but which may not appear in verbal/linguistic modes of expression.”

¹¹ “more or less frozen or defrosted, more or less awake or asleep” (CIENKI, 2008, p. 10).

¹² “When actived, these iconic relations become accentuated and take form as vocal gesture” (PERLMAN; GIBBS, 2013, p. 524).

¹³ Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/icmi/>

1. Como vocês definem a expressão “jeitinho brasileiro”?
2. Discutam: como a sociedade brasileira vê o “jeitinho”? Houve mudanças nessa visão?
3. Vocês consideram o “jeitinho” algo típico da cultura brasileira?
4. Vocês já vivenciaram alguma situação em que o uso do “jeitinho” foi necessário?

As análises propostas aqui, focam-se, quantitativamente, nas metáforas utilizadas, mais especificamente, durante a resposta da primeira pergunta (Como vocês definem a expressão “jeitinho brasileiro”?) e, buscando corroborar com a proposta de DaMatta (1986) e com a de Barbosa (2006) à respeito do *continuum* no qual o ‘jeitinho’ estaria fundamentado, analisaremos, a seguir, qualitativamente, duas metáforas conceituais e gestuais para fins de ilustração e aprofundamento.

4.1 Análise das metáforas usadas

Por meio da definição da Teoria da Metáfora Conceptual e das metáforas gestuais e prosódicas encontramos as seguintes metáforas na interação sobre o ‘jeitinho’:

Conforme podemos analisar a partir da tabela acima, quatro metáforas primárias, ou seja, esquemas imagéticos, foram utilizadas: (a) JEITINHO É ALGO FLEXÍVEL que se refere ao esquema da força; (b) JEITINHO É SAÍDA que está interligado ao esquema do contêiner (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999, 50-53) - a primeira metáfora é utilizada por B2 somente no nível verbal em uma sequência da interação e, em outra, também monomodalmente, no nível gestual, enquanto a segunda metáfora é utilizada por A2 no nível verbal - (c) A metáfora JEITINHO É BALANÇA recorre ao esquema do equilíbrio (LAKOFF, 1987, p. 169-303) e é introduzida na conversa por A2 apenas gestualmente e (d) JEITINHO É UM OBJETO CULTURAL é construída por B2 por meio de duas metáforas monomodais: primeiramente gestual, depois prosodicamente. Esta metáfora corresponde, de acordo com a categorização antiga de Lakoff e Johnson (2003 [1980]), à metáfora ontológica e encaixa-se agora na metáfora primária ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 51).

Finalmente, observam-se as metáforas complexas: (a) JEITINHO É SER MALANDRO, na qual se trata de uma personificação que é abordada por B1 de forma multimodal, no nível gestual, prosódico e verbal, (b) JEITINHO É SOMBRA que é exibida por B2 verbo-gestualmente e (c) JEITINHO É DRIBLAR, utilizada por A2 em três níveis e por B1 apenas gestualmente.

Tabela 1. Metáforas encontradas na interação

<i>Níveis de Ocorrência das metáforas</i>	METÁFORAS PRIMÁRIAS	METÁFORAS COMPLEXAS
VERBAL	'jeitinho é saída' (A2) 'jeitinho é algo flexível' (B1)	'jeitinho é driblar' (A2)
GESTUAL	'jeitinho é algo flexível' (B1) 'jeitinho é uma balança' (A2) 'jeitinho é um objeto cultural' (B2)	'jeitinho é ser malandro' (B2)
VERBO-GESTUAL		'jeitinho é driblar' (A2) 'jeitinho é sombra' (B2)
VERBO-PROSÓDICO	'jeitinho é um objeto cultural' (B2)	'jeitinho é ser malandro' (B2)

A partir da tabela, notamos que, ao tentarem definir 'jeitinho brasileiro', os professores utilizaram sete metáforas, das quais quatro correspondem a esquemas, ou seja, a metáforas primárias e três a metáforas complexas. No que diz respeito aos gestos, há quatro metáforas gestuais e duas verbo-gestuais. Além disso, é importante ressaltar que quatro metáforas foram utilizadas em dois níveis diferentes, como, por exemplo, a metáfora JEITINHO É SER MALANDRO, que é realizada em nível gestual e em nível prosódico, mas em momentos distintos, isto é, duas vezes como metáfora monomodal.

Ainda no que se refere à quantificação, mas agora associada à cultura, podemos analisar que das sete metáforas, quatro (57%) são usadas pelos professores brasileiros (três por B2 e uma por B1), enquanto três (43%) por um professor alemão (A2). Tal constatação nos leva a ressaltar as possíveis diferenças culturais entre os quatro participantes. Podemos analisar, mais especificamente, B2 e A2, ambos com três metáforas incorporadas à sua fala. Enquanto B2 introduz as metáforas JEITINHO É UM OBJETO CULTURAL, JEITINHO É SER MALANDRO e JEITINHO É SOMBRA, respectivamente nos níveis gestual/prosódico, gestual/prosódico e verbo-gestual, estas com maior tempo de duração e caráter cognitivo-cultural mais específico, A2 utiliza as metáforas JEITINHO É SAÍDA, JEITINHO É DRIBLAR e JEITINHO É UMA BALANÇA, respectivamente nos níveis verbal, verbo-gestual e gestual, estas mais rápidas enquanto ditas ou articuladas e com especificidades mais superficiais. Por fim, outro detalhe a ressaltar, é o uso recorrente e duradouro de gestos, auxiliares de uma melhor articulação no discurso, muitas vezes não metafóricos, mas diretamente associados à brasilidade de B1. Tais gestos ocorrem com maior frequência e/ou duração quando comparados com os gestos de A1 e A2, originários da Alemanha, e que gesticulam mais rapidamente. Um exemplo é metáfora construída não em um, mas em dois níveis, verbal e gestual, por B1, 'jeitinho é algo flexível', alongadamente expressa.

Partindo do referencial de Lakoff e Johnson (2003 [1980]), Cienki e Müller (2008) e Sharifian (2011; 2015; 2017), metáforas conceituais e o uso dos gestos são nitidamente construções físico-linguístico-cognitivas alicerçadas pela cultura, pelas experiências pessoais e não meramente ilustrações poéticas ou retóricas. Sendo assim, talvez se explique que o uso mais abundante de metáforas em geral, mas especialmente no nível gestual e prosódico, seja dos participantes brasileiros. Dito de outro modo, embora os dois professores alemães já vivam no Brasil por muito tempo, conheçam o conceito 'jeitinho' e consigam falar sobre ele em termos metafóricos, não incorporaram-no

igualmente – especialmente em termos gestuais e prosódicos – aos brasileiros nativos.

4.2 Análise interacional de duas seqüências

Conforme dito acima, nossa análise pauta-se, agora, em duas metáforas específicas presentes na interação. São elas JEITINHO É UM OBJETO CULTURAL e JEITINHO É UMA BALANÇA. A primeira metáfora apresenta uma metáfora multimodal que ocorre no nível gestual e prosódico em que B2, ao tentar definir o que seria ‘jeitinho’, indica que se trata de algo já conhecido e de difícil explicação para alguém de outra cultura. Na transcrição abaixo das imagens, o começo do gesto é indicado por um asterisco e o escopo do gesto é marcado em negrito.

Seqüência 1: JEITINHO É UM OBJETO CULTURAL



B2: o quê que *É



o jei**T**Inho; (.) cÊ en**T**ENdi,

Observando a Seqüência 1 acima, podemos perceber seu caráter ontológico, conforme Lakoff e Johnson (2003 [1980], p. 25-32), pelo fato dessa metáfora só ser possível por meio de uma experiência cultural, da vivência daquele professor universitário no Brasil que o permite, ao se referir ao ‘jeitinho’, posicionar as mãos e braços frente a frente, indicando um possível objeto cultural conhecido pelos brasileiros, além de enfatizar, prosodicamente, jei**T**Inho’, ao dar o acento focal ao termo-chave e o destacar com mais sonoridade. Aqui, o esquema cultural (SHARIFIAN, 2011; 2017) torna-se um

objeto real da cultura brasileira como referente na conversa. Tal metáfora reafirma todos os estudos apresentados no início deste trabalho, pois, em todos, o 'jeitinho brasileiro' foi tomado como 'objeto cultural' e, por meio de diferentes conceitos, sempre se referindo a este fenômeno como parte integral do 'ser brasileiro' que, por conseguinte, cria uma identidade como se fosse uma entidade real.

Já a segunda metáfora que vamos detalhar se constitui a partir do esquema do EQUILÍBRIO (LAKOFF 1987, p. 169-303): JEITINHO É UMA BALANÇA. Conforme pode-se ver nas imagens relacionadas a esta Sequência 2, vê-se A2 movimentando as mãos em forma côncava alternadamente, indicando que o 'jeitinho' estaria em uma balança e, mais especificamente, em uma balança ética.

Sequência 2: JEITINHO É UMA BALANÇA



A2: que os Outros não TEM;=



=quer dizEr



*Eticamente;

Ao movimentar as mãos côncavas alternadamente, a ‘balança’ de A2 reflete o caráter ético por trás do ‘jeitinho’, refletindo assim uma ideia também presente em abordagens teóricas:

Assim, entre o ‘pode’ e o ‘não pode’, escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, a junção do ‘pode’ com o ‘não pode’ (DAMATTA, 1986, p. 66).

Portanto, pode ser melhor considerar que o ‘jeitinho’ está em um continuum em que o favor está no lado positivo e a corrupção está no lado negativo, com o ‘jeitinho’ ocupando uma posição intermediária (FERREIRA *et al.*, 2011, p. 332, tradução nossa).

O *continuum* do ‘jeitinho’, o qual cada indivíduo deve construir à sua maneira (positiva/criativa/cordial ou negativa/malandra/corrupta), tal ‘balança ética’ é, sem sombra de dúvidas, um dos pontos cruciais na construção dessa conceptualização cultural chave.

5 Considerações finais

Por meio de uma revisão das abordagens teóricas sobre o ‘jeitinho’ brasileiro e da análise da interação entre os quatro professores, mostramos como o ‘jeitinho’ é construído por meio das metáforas conceituais (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980] 1999). Tratamos, também, de como os gestos estão intrinsecamente presentes em conversas reais sobre este tópico (CIENKI; MÜLLER, 2008) e como estes ajudam a construir e alicerçar as conceptualizações culturais (SHARIFIAN, 2011; 2015; 2017). Reafirmamos, assim, o caráter intrínseco da cultura, aqui brasileira, incorporada à língua e todas suas formas de expressão.

AGRADECIMENTOS: Este trabalho teve apoio: i) da Universidade Federal de Minas Gerais; ii) da Fundação Humboldt em cooperação com a Universidade de Potsdam pelo *Research Group Linkage Programme* (2017-2020) e com a *Worldwide Universities Network Research Development Fund* WUN; iii) do International Research Center of Intercultural Communication in Multimodal Interactions – ICMI e, em especial, a Mariana Carneiro Mendes pela ajuda na filmagem; iv) do CNPq, por meio de bolsa de Iniciação Científica PIBIC.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. **O jeitinho brasileiro**. A arte de ser mais igual do que os outros. Rio de Janeiro: Elsevier; Editora Campus, 2006.
- BÜHLER, K. **Sprachtheorie**: die Darstellungsfunktion der Sprache. Stuttgart: Fischer, 1982. Edição original: 1934.

- CIENKI, A. Why study metaphor and gesture? In: _____; MÜLLER, C. (Org.). **Metaphor and Gesture**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 5-25.
- CIENKI, A.; MÜLLER, C. Metaphor, Gesture, and Thought. In: GIBBS, R. W. Jr. (Org.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 483-501.
- COSTA, S. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Sociedade e Estado**, n. 29(3), p. 823-839, 2014.
- DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- FERREIRA, M. C. *et al.* Unraveling the mystery of Brazilian Jeitinho: a cultural exploration of social norms. **Personality and Social Psychology Bulletin**, n. 38(3), p. 331-344, 2012.
- FILLMORE, C. Topics in Lexical Semantics. In: COLE, R. W. (Org.). **Current Issues in Linguistics**. Bloomington: Indiana University Press, 1975. p. 76-138.
- GRADY, J. E. **Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes**. Berkeley: Doctoral dissertation, Department of Linguistics, University of California at Berkeley, 1997.
- GRADY, J. E. Primary metaphors as inputs to conceptual integration. **Journal of Pragmatics**, n. 37, p. 1595-1614, 2005.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, 1995. Edição original: 1936.
- KÖVCSSES, Z. **Metaphor in Culture**. Universality and Variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003. Edição original: 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh**. The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.
- MÜLLER, C. Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures. In: MÜLLER, C. *et al.* (Org.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Volume 1. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 202-217.
- MÜLLER, C.; LADEWIG, S. H.; BRESSEM, J. Gestures and speech from a linguistic perspective: A new field and its history. In: MÜLLER, C. *et al.* (Org.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Volume 1. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 55-81.
- PALMER, G. B. **Toward a Theory of Cultural Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1996.

PERLMAN, M.; GIBBS, R. W. Jr. Sensorimotor simulation in speaking, gesturing, and understanding. In: MÜLLER, C. *et al.* (Org.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Volume 1. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 512-533.

SCHMIDT, T.; WÖRNER, K. EXMARaLDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. **Pragmatics**, n. 19, p. 565-582, 2009.

SCHRÖDER, U. **Kommunikationstheoretische Fragestellungen in der kognitiven Metaphernforschung**. Eine Betrachtung von ihren Anfängen bis zur Gegenwart. Tübingen: Narr Verlag, 2012.

SELTING, M. *et al.* Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2. Traduzido e adaptado por Ulrike Schröder *et al.* **Veredas**, v. 20, n. 2, p. 6-61, 2016.

SHARIFIAN, F. **Cultural Conceptualisations and Language: Theoretical framework and applications**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2011.

SHARIFIAN, F. Cultural Linguistics. In: SHARIFIAN, F. (Org.). **The Routledge Handbook of Language and Culture**. London, New York: Routledge, 2015. p. 473-492.

SHARIFIAN, F. Cultural Linguistics. The State of the Art. In: SHARIFIAN, F. (Org.). **Advances in Cultural Linguistics**. Singapore: Springer, 2017. p. 1-28.

Recebido em 24 fevereiro de 2020.

Aceito em 26 de junho de 2020.

Publicado em 03 de agosto de 2020.

SOBRE OS AUTORES

Ulrike Agathe Schröder é doutora e Professora Associada na Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos; Livre Docência pela Universidade de Essen, Alemanha em 2012. É coordenadora do *International Research Center of Intercultural Communication in Multimodal Interactions – ICMI* e desenvolve pesquisa especialmente na área da Linguística Cognitiva e Interacional.

Email: schroederulrike@gmx.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7764-7249>

Ruan de Castro Silva é graduando em Letras, licenciatura em português, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Email: ruandecastrosilva@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9142-7189>